



## *Uma visão idealizada da mulher no poema “A Noiva”, de Jonas da Silva*

*An idealized view of women in the poem “The Bride” by Jonas da Silva*

Lúcia Pereira Bezerra<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste trabalho, pretendemos realizar uma análise da visão idealizada da mulher no poema “A Noiva”, da obra *Czardas* (1923), de Jonas da Silva. Jonas da Silva é considerado um poeta simbolista de transição com tendência a outros estilos literários como o arcadismo, romantismo, parnasianismo e pré-modernismo. Em *Czardas* percebemos o pré-modernismo quando o poeta investe no mundo da *Belle Époque* conhecida em Paris como um período de luxo e transformações sociais e culturais, que chega ao Brasil em 1880 e perdura até 1925, influenciando vários poetas como Jonas da Silva que não dispensou em seus versos esse momento da história e urbanização de Manaus. Neste período de destaque ao belo, o poeta idealiza de forma amável uma noiva que corresponda aos seus objetivos: bela, frágil e submissa. Nosso propósito em analisar “A Noiva” é revelar o modelo de esposa a ser seguido pelas mulheres que desejavam se casar com o poeta, não apenas como um desejo machista dele, mas como reflexo das imposições da igreja católica e da sociedade vigente. Para isso usaremos como contribuição às reflexões de Heloísa Lara Campos da Costa (2005), a respeito da história e os conceitos existentes em relação às mulheres na Amazônia do século XIX, e Simone de Beauvoir (1970) que faz referência aos estereótipos criados à mulher ao longo da história.

**Palavras-chave:** Análise; Poema; mulher idealizada; Jonas da Silva.

**Abstract:** In this paper, we intend to perform an analysis of the idealized vision of women in the poem "The Bride", from the work *Czardas* (1923), by Jonas da Silva. Jonas da Silva is considered a transitional symbolist poet with a tendency toward other literary styles such as arcadism, romanticism, Parnassianism and pre-modernism. In *Czardas* we see pre-modernism when the poet invests in the world of *Belle Époque* known in Paris as a period of luxury and social and cultural transformations, which arrives in Brazil in 1880 and lasts until 1925, influencing several poets like Jonas da Silva who did not. dispensed in his verses this moment of the history and urbanization of Manaus. In this period of highlight to the beautiful, the poet lovingly idealizes a bride who meets her goals: beautiful, fragile and submissive. Our purpose in analyzing "The Bride" is to reveal the model of wife to be followed by women who wished to marry the poet, not only as a chauvinistic desire for him, but as a reflection of the impositions of the Catholic Church and current society. For this we will use as a contribution to the reflections of Heloísa Lara Campos da Costa (2005), about the history and the existing concepts in relation to women in the nineteenth century Amazon, and Simone de Beauvoir (1970) who refers to the stereotypes created to women. throughout history.

**Keywords:** Analysis; Poem; Idealized Woman; Jonas da Silva.

### *1. Introdução*

---

<sup>1</sup> Mestranda em Letras na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. E-mail: [lulu\\_bezerra70@hotmail.com](mailto:lulu_bezerra70@hotmail.com).

## I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

“A Noiva” faz parte da coletânea de poemas da obra *Czardas* (1923), de Jonas da Silva. O nome da obra originou-se da dança folclórica tradicional húngara, um clássico da música cigana, com introdução de caráter patético e melancólico, mas que transmite alegria e poesia aos olhos de quem assiste. Antônio Paulo Graça é crítico do estudo organizado da obra e explica que foi pensando na dança, que Jonas da Silva (1880 – 1947) batizou *Czardas*, seu terceiro e último livro, o único publicado em Manaus (GRAÇA in SILVA, 1998, p. 17).

De acordo Antônio Paulo Graça, Jonas da Silva é considerado um poeta simbolista de transição. O contato com a nova poética se deu através de Bernardino Lopes, escritor mais decadente que simbolista devido suas diferentes tendências literárias na passagem do século XIX para o século XX.

Assim, à semelhança dos escritores que produziram entre as duas décadas do século passado e as primeiras deste, Jonas da Silva matizava princípios estéticos, inserindo-se no que se pode chamar de *complexo estilístico* do Ciclo da Borracha. Sensibilidade romântica, vocabulário ornamental e espiritualismo se mesclavam, tornando, se não impossível, pelo menos difícil uma caracterização definitiva desses escritores. (GRAÇA in SILVA, 1998, p. 18)

Antônio Paulo Graça ressalta que nos poemas de *Czardas*, Jonas da Silva traz traços intensos do romantismo, e marcas de diversos estilos literários, por isso é impossível determinar com precisão quando um estilo começa ou termina, pois os traços confundem-se entre si.

O poeta viveu em Manaus entre o final do século XIX e início do XX, um período áureo mantido pela extração da borracha. Nessa época muitos homens partiam para Manaus em busca de riquezas. Assim, o Amazonas ficou conhecido como uma das regiões mais prósperas desse período. Francisco Gomes Silva afirma que,

O sonho de invadir a Amazônia e acumular riqueza juntou-se ao estado de pobreza e quase miséria que se alastrava pelo Nordeste do Brasil principalmente depois da grande seca de 1877, e Manaus e Belém foram a atração principal dos retirantes, muito mais a capital amazonense como porto de transferência para os seringais nos altos rios. Entremendo os homens bravios que se destinavam ao interior doentio para vencer as estradas de seringas vieram também os doutores e bacharéis, principalmente médicos, dentistas, farmacêuticos e advogados que por aqui se transformavam também em professores, vetustos senhores que pareciam ou se mostravam endinheirados, mas muito longe de serem tal qual os seringalistas, uns rudes outros nem tanto, brasileiros e estrangeiros. Alguns outros eram boêmios, muitos poetas e jornalistas que vinham quebrar lanças em defesa de ideais republicanos, positivistas, simbolistas e alguns parnasianos. Uns vinham e se quedavam logo aos encantos da floresta, aos amores das damas do cassino e dos bordeis, ou aos olhares sutis das senhorinhas que desfilavam sedas e bordados nos saraus do Teatro Amazonas a demonstrarem vivência europeia e preferências pelos últimos modelos de trajes, chapéus e perfumes franceses (SILVA, poetas piauienses no Amazonas).

## I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

De acordo com as informações extraídas da página de Antonio Gomes Silva, distante dos homens que se embrenhavam na selva e colocavam em perigo suas vidas, para fazer o corte da seringueira, viviam os barões da borracha, conhecidos como as elites seringalistas, que se beneficiavam das riquezas que a extração da borracha trazia, importando de fora as modas e o luxo. Dessa forma, Manaus tornou-se conhecida como “A Paris Tropical”, devido aos modelos copiados da capital francesa. Assim, a nova realidade urbana da capital passou a ser vista pelo luxo da arquitetura, costumes e tradições europeias, e principalmente pela chegada das inovações tecnológicas:

Ora, estamos tratando de um período de refundação da cidade de Manaus, em que o Estado começa a se espelhar na crescente industrialização das cidades europeias para fazer intervenções no espaço urbano [...] Essa preocupação com o embelezamento, higienização, sanitização da cidade, vai contagiar não só as esferas públicas, mas também será transposta para as esferas privadas. É também entre o período de 1890 e 1920 que ocorre a “expressão de euforia e do triunfo da sociedade burguesa no momento em que se notabilizavam as conquistas materiais e tecnológicas” (DAOU, 2000; 10) [...] É nessa esfera, cuja perspectiva é desenvolver o consumo, em que há estreitas conexões entre diferentes regiões, que ocorre o surgimento do modo de vida burguês na região Norte, principalmente em Manaus e Belém. Esse modo de vida acompanhará essa refundação da cidade (MESQUITA, 2005) à medida que se dá o bom econômico do látex, indo ao encontro das aspirações de uma elite manauara que tem o intuito de transformar a cidade comparando a com o estilo de vida parisiense. É certo que a economia da borracha insere essa região, antes em isolamento, na economia internacional. O que, de certa forma, impõe uma dinamicidade própria do decorrer do século XIX, em que a liberalização das economias fazia funcionar e crescer em suas partículas básicas, operações que se estendiam a partes cada vez mais remotas do planeta. O que, por sua vez, implicava transformações profundas nessas regiões. (PEDROSA, 2018, p. 5)

Dessa forma, percebemos que a Manaus antiga do século XIX passa por um período de virada no século XX, tanto econômico, quanto social e cultural. Um período que marcou a história da cidade, e que conhecemos como *Belle Époque*. A *Belle Époque* conhecida em Paris como um período de luxo, transformações sociais e culturais chega ao Brasil em 1880 e perdura até 1925, influenciando assim, a vida social manauara. A elite amazonense, inspirada nos costumes parisienses, passa a ter uma vida baseada no requinte e na exuberância.

De acordo com Antônio Paulo Graça, sob as circunstâncias históricas da época, o poeta Jonas da Silva investe no mundo da *Belle Époque*, “Sua poesia ganha em ironia e produz certo descompasso entre uma sensibilidade arcaica e o vocabulário moderno” (GRAÇA in SILVA, 1998, p. 19). Essa alteração em sua poesia acontece a partir de 1910, quando as criações poéticas desse período começaram a se mostrar esgotadas, principalmente as que

## **I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas***

giravam em torno do parnasianismo e simbolismo. Assim, poetas como Jonas da Silva sentem-se motivados a uma renovação artística.

Antônio Paulo Graça afirma que a relação do poeta com o pré-modernismo deve-se a uma tentativa de superar o parnasianismo, pois ele se sentia ferido por ser titulado sob a influência bilaquiana. No entanto no poema “A Noiva”, percebemos uma mescla do simbolismo/romantismo e pré-modernismo.

Como simbolista e romântico o poeta primazia o egocentrismo impondo condições à mulher que desejasse casar-se com ele. Ela é apresentada como um objeto ornamental e não compete a ela estar nos espaços sociais e urbanos. Esse pensamento advém da igreja católica dos períodos de 1840 a 1930, que instruíu o homem a proibir, impedir e exigir, “Ele é o dono; saiba mandar” (COSTA, 2005, p. 161). Segundo Costa, a igreja defendia o reforço à família patriarcal. Dessa maneira, para a mulher só restava-lhe à reclusão no lar.

Nosso objetivo em realizar a análise do poema “A Noiva” é revelar o modelo de esposa a ser seguido pelas mulheres que desejavam se casar com o poeta, não apenas como um desejo machista dele, mas como reflexo das imposições da igreja católica e da sociedade vigente.

Para isso usaremos como contribuição às reflexões de Heloísa Lara Campos da Costa (2005), a respeito da história e os conceitos existentes em relação às mulheres na Amazônia do século XIX, e Simone de Beauvoir (1970) que faz referência aos estereótipos criados à mulher ao longo da história.

### ***2. Jonas da Silva: poeta simbolista de estro abundante***

Jonas da Silva foi um poeta bastante afamado na Bahia e no Amazonas, seus poemas encontram-se no clássico *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*, de Andrade Muricy e na *Apresentação da Poesia Brasileira* (antologia), de Manuel Bandeira. O poeta produziu suas obras com base na estética parnasiana e simbolista, mas tendo uma maior projeção no Simbolismo. No Amazonas, o nascimento do simbolismo pode ser atribuído a Taumaturgo Sotero Vaz e a Jonas da Silva com as obras poéticas, respectivamente, *Cantigas e Ânforas*, publicadas em 1900.

Jonas Fontenele da Silva nasceu no Município de Parnaíba, interior do Piauí, em 17 de Dezembro de 1880, filho do Dr. João Antônio da Silva e Firmina Fontenele da Silva. Aos 11 anos mudou-se com sua família para o Amazonas onde fez os preparativos para ingressar

## I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

na Faculdade de Odontologia, dando início em Salvador e diplomando-se no Rio de Janeiro em 1899 (GRAÇA in SILVA, 1998, p. 17).

Em 1900, já morando no Rio de Janeiro, conheceu Bernardino Lopes e por meio dele publicou *Ânforas* (1900). De acordo com Simões Junior (2004), a primeira obra de Jonas da Silva foi muito apreciada por José Joaquim de Campos da Costa Medeiros e Albuquerque (1867-1934), crítico literário do vespertino *A Notícia*, periódico importante de 1897 a 1905, “*Ânforas* é um delicioso livro de estreia. Há nas suas páginas a promessa de um bom, de um verdadeiro poeta. Há, mesmo, mais do que promessas: há sonetos que já são de um artista” (MEDEIROS E ALBUQUERQUE *apud* SIMÕES JUNIOR, 2004, p. 123).

*Ulanos* (1902) é a segunda obra a ser resenhada por Medeiros e Albuquerque, que diferentemente da primeira, faz uma crítica irônica a obra, citando um caso de impropriedade vocabular. E com tom irônico, o crítico ressalta que o poeta não tem que ter preocupação com o conteúdo dos termos, mas com o essencial: a sonoridade. Medeiros Albuquerque resenhou livros considerados simbolistas no vespertino *A Notícia*, considerando *Ulanos* entre eles. De acordo, Antonio Miranda enfatiza,

*Ânforas* não é um livro simbolista, mas *Ulanos*, publicado dois anos depois, com o mesmo soneto inicial em vermelho e desta vez com cercaduras coloridas nos versos, já é paroxisticamente do novo credo. Jonas da Silva chega a um mundo gongórico em seus versos, gritantes de cor e ardentes de imaginação; suas comparações e metáforas são abundantes como a dos mouros da Espanha, e por vezes túmidas como as do cultismo e até mituradas: num lírico soneto, o Sol "buzina a luminosa trompa", é "ave do azul" e "monge do espaço". Os sonetos que selecionamos de *Ulanos* refletem esse verdadeiro plano alucinatorio pelo qual rola o Poeta, com seu verso intensamente colorido e figurado (MIRANDA, poesias dos brasis).

As imagens descritas acima são próprias da escola simbolista. Medeiros e Albuquerque disserta que essas imagens criadas por Jonas da Silva, são comparações extravagantes, consideradas por ele maravilhosas e “astronômicas”:

Aqui lhes dou o que ele descobriu na Via Láctea e na Lua. Coxam sapos de luz na luz da Via Láctea. Da Lua o formidando e feroz crocodilo. Esses dous versos estão na mais espantosa e filosófica e arquiestupefaciente poesia do volume. Intitula-se “Vozes do nada”. Por ela se verifica que o Nada, quando dá para falar, diz logo tolices. (MEDEIROS E ALBUQUERQUE *apud* SIMÕES JUNIOR, 2004, p. 123).

O terceiro livro do poeta, *Czardas* (1923), foi publicado em Manaus, quando Jonas da Silva voltou a residir definitivamente na capital amazonense, quando pré anunciava o modernismo, “quando já começavam a repercutir as rebeldias do que foi consagrado chamar de Modernismo Brasileiro” (MENDONÇA, Catando Letras & Escrevendo Histórias). Nesse

## I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

livro o poeta versou temas que estão relacionados às questões amorosas como a beleza física da mulher e sua fragilidade, para isso ele não dispensou alguns momentos da história nacional como a urbanização de Manaus no período da *Belle Époque*.

A obra *Czardas* (1923) é composta por 195 poemas, os quais se encontram divididos em quatro partes: *Czardas*, com 124 poemas; *A Casa Vazia*, com 42 poemas; *A Dama Consoladora*, com 24 poemas e *O Romanceiro do CID*, com 5 poemas. De acordo Antônio Paulo Graça, Jonas da Silva é um poeta de estro abundante, “só no seu volume “*Czardas*” inclui matéria de dois ou três livros normais de poesias” (SILVA, 1998, **orelha do livro**). Apesar de criação abundante, raros conhecem este poeta,

Sua obra (três livros), realizada nas primeiras décadas do século passado, perdeu-se na “margem esquerda do rio Negro”, apesar do esforço da Editora Valer em reeditar *Czardas*, o livro publicado em 1923, em Manaus (MENDONÇA, Catando Letras & Escrevendo Histórias).

Jonas da Silva foi odontólogo no Instituto Benjamim Constant em Manaus, e após se aposentar foi diretor de uma empresa cinematográfica. Em 05 de junho de 1947, o poeta falece aos 66 anos de idade, na capital amazonense, e de lá para cá a editora *Valer*, com destaque para a produção literária do Amazonas, tem feito o importante trabalho de reeditar sua obra como um marco do Simbolismo em Manaus.

### 3. *A Noiva idealizada na visão de Jonas da Silva*

Jonas da Silva apoiado em um *eu poético* cheio de pretensões escreve “A Noiva”, um poema que expressa a mais pura e nítida manifestação da mulher que ele idealiza para si. Apresentando-se logo nos primeiros versos como um romântico retardatário, pois se centra no seu próprio *eu* para impor condições às mulheres que tem intenção de se casar com ele “A condição para eu casar-me é esta/ Ao meu ideal só este corresponde” (SILVA, 1998, p. 236).

Na exaltação dos ânimos o *eu poético* determina que sua noiva “Não mais verá de instante a instante o bonde” (SILVA, 1998, p. 236). Com a urbanização de Manaus estabelecida, a Avenida Eduardo Ribeiro foi construída larga, possibilitando a passagem de trilhos de bonde. Dessa forma, entendemos que para o *eu poético* o bonde passava rápido, *de instante a instante* e, ele, tinha uma preocupação de que sua mulher ficasse na janela atraída pela movimentação da rua.

## I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

A imposição machista do *eu poético* em manter a mulher enclausurada está embasada na luta da igreja contra o feminismo que começava se pronunciar no século XX, “contra a liberdade da mulher e os novos costumes expressados na sua maneira [de] frequentar lazeres profanos como carnaval, bailes, cinemas, praças etc” (COSTA, 2005, p.160). Costa ressalta que o pensamento da igreja em relação à mulher era vista como algo natural:

Nele ficando a mulher restrita ao lar, com todas as obrigações que lhe eram decorrentes e ao homem o espaço público que subentendia o exercício profissional, o trabalho externo remunerado, a participação política em eventos públicos, o livre trânsito fora do lar, o acesso à educação e demais benefícios que a clausura doméstica impedia às mulheres (COSTA, 2005, p.119).

Quando o poeta escreveu este poema, Manaus vivia sob a influência da *Belle Époque*, seria natural a nova esposa desejar estar presente em eventos sociais e passeios públicos, no entanto o *eu poético* é enfático em dizer: “Não quero a noiva em *picnic* ou festa” (SILVA, 1998, p. 236). De acordo Costa (2005), a participação da mulher manauara em eventos seria somente para exercer trabalho de apoio político aos maridos, preparando os “grandes almoços”, caso ele fosse candidato a algum cargo, pois nesses encontros a mulher não poderia manifestar-se diretamente. A autora afirma que a mulher amazonense desse período deveria ter algumas qualidades ideais para o casamento, e uma delas era “Ser muito modesta em todas as suas ações; Andar acautelada a cada passo; Raras vezes sair, e só por necessidade” (COSTA, 2005, p. 151-152).

Na segunda estrofe o *eu poético* demonstra que não exige ou tem preferência que sua noiva seja de família rica ou que tenha dotes, para ele bastava que fosse simples, até mesmo pobre, o importante é que ela fosse apenas dele, “Ser a filha do rei, neta do conde / Eu não lhe exijo pode ser modesta; / Mas há de ter a boca, o olhar, a testa/ Da formosura que de mim se esconde” (SILVA, 1998, p. 236). A beleza nos poemas simbolistas era primordial, pois o poeta tinha a mulher como um símbolo podendo apresentá-la a sociedade. A referência à beleza como um fator primordial reflete bem a questão do orgulho e da masculinidade do homem da época, principalmente quando ele era um homem de grandes posses, famoso, ou no caso de Jonas da Silva, poeta.

Certamente a beleza da mulher idealizada pelo *eu poético* deveria estar isenta de artifícios, pois a influência da Igreja Católica era marcante e predominava contra alguns pontos que não a favorecia nesse sentido, sendo contra a liberdade da mulher na sua maneira de se vestir e de se pintar.

Na terceira estrofe a mulher que *eu poético* idealiza é a mulher que o homem da época gostaria de ter: uma mulher obediente, ciente de suas obrigações como casada, companheira,

## I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

fiel e amiga. A mulher que pretendesse se casar com ele deveria satisfazer as suas vontades, “Deverá ter de cor os meus sonetos”, ressaltando para essa ela o seu papel de esposa. Na escolha da futura esposa o *eu poético* cita que tanto faz ela ser, “Morena a tez e de cabelos pretos; Sendo alva e loura... acho-a também bonita” (SILVA, 1998, p. 236). Denotando assim, que apesar do homem ficar viúvo, que era o caso do poeta, ele ainda poderia escolher uma noiva, e exigir que ela correspondesse aos seus ideais.

Nos últimos versos o eu poético fala que a noiva, “Tem de ser boa, de bondade infinda, / Para acalmar a minha dor e ainda / Embalar, quando chora, a Sulamita...” (SILVA, 1998, p. 236). A bondade deveria ser outra característica fundamental da futura esposa, pois Jonas da Silva era viúvo e havia ficado sozinho com três filhos, ele sentia uma dor imensa pela perda de sua esposa.

Jonas da Silva casou três vezes. Do primeiro casamento com D. Maria Balbi Carreira, nasceram-lhe o Dr. Alberto Carreira da Silva, ex-diretor da Saúde Pública; e um dos maiores sanitaristas do Brasil; Jandira, que foi casada com o comerciante Joaquim Amorim Junior, e Sulamita, falecida, que foi casada com o Dr. Deoclydes de Carvalho Leal. [...] Em sua obra é farta a referência à sua filha Sulamita (que às vezes chamava Sulá), como é fácil reconhecê-la no poema *Granadeiros de chumbo* do seu primeiro livro, que a memória da família guarda como se fora a sua musa (MENDONÇA, Catando Letras & Escrevendo Histórias).

Conforme a citação acima a filha mais nova não foi só inspiração em “A Noiva”, mas considerada a musa do pai desde o primeiro livro. A Sulamita ainda era um bebê quando ficou órfã, o poeta precisava de uma nova esposa que fosse obediente a ele e o ajudasse com os filhos. Costa (2005) ressalta que “O espírito que exala, da obediência da mulher ao marido, aos sogros, aos preceitos da igreja [...] pouco lhe resta, a não ser uma vida opaca, plena de sacrifícios e recalques, desprovida de imaginação e criatividade, reclusa no lar” (COSTA, 2005, p. 153).

A mulher a que autora se refere tem todas as características desejadas pelo *eu poético*, fiel ao marido e aos afazeres domésticos, impossibilitada de demonstrar suas qualidades e conquistar seu espaço no âmbito social. Portanto dentro desse raciocínio afirma Lévi-Strauss “A autoridade pública ou simplesmente social pertence sempre aos homens” (LEVI-STRAUSS *apud* BEAUVOIR, 1970, p. 91). Dessa maneira a noiva é vista apenas como mero instrumento do lar, onde sua capacidade de ascensão é limitada em todos os aspectos. Segundo Beauvoir (1970), “[a] mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação é imputada como limitação, sem reciprocidade” (BEAVOUIR, 1970, p. 9).

## **I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas***

No século XIX, a mulher Amazonense era tratada como um patrimônio, tendo o marido privilégio sobre ela, esse costume advindo com a chegada dos portugueses no Brasil, se perpetuou através da igreja.

O poeta não esconde suas intenções ao colocar impor suas exigências a todas as mulheres que estivessem dispostas a se casar com ele, ficando clara a submissão da sua mulher. Além de bela, ele exige que sua noiva seja boa, “de bondade infinda”. Essa bondade é retratada na lista de exigências que a autora Costa descreve a respeito da mulher do século XIX, com suas obrigações de casada, impostas pela igreja,

1. Amar o marido
2. Respeitá-lo como chefe
3. Obedecer-lhe com afetuosa prontidão.
4. Adverti-lo com descrição e prudência.
5. Responder-lhe com toda a mansidão.
6. Servi-lo com desvelo.
7. Calar quando o vir irritado.
8. Tolerar com paciência os seus defeitos.
9. Não ter olhos nem coração para outro.
10. Educar catolicamente os filhos. Falar da religião
11. Ser muito atenciosa e obediente para o sogro e a sogra.
12. Benévola com os cunhados.
13. Prudente e mansa, paciente e carinhosa com toda a família. (COSTA, 2005, p. 152)

Podemos observar que uma das obrigações da mulher em relação ao seu esposo é, “Respeitá-lo como chefe”. Essa ordem da igreja católica evidencia o contexto social vigente no Amazonas do século XIX, onde a mulher era mantida sob ideais patriarcais, nos quais ela tinha como chefe seu esposo, ou o seu pai. A autora Costa levanta essa questão expondo que na época a mulher era considerada um patrimônio, e vivia assim sob-relações patriarcais, sem direito a liberdade, e o que garantia isso era a tradição.

Assim, percebemos que o homem/poeta mesmo viúvo tinha o direito de escolher a esposa que tivesse as características que a autora Costa enumera, e a mulher, teria que se apresentar de forma pura no âmbito familiar, sendo que este comportamento é diferente da mulher atual que passou a ter autonomia na família e na sociedade. Apresentando-se de forma mais pura no âmbito da família e que se reproduzia em outras relações nas demais instâncias sociais.

### ***4. Considerações Finais***

## I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

Na análise intitulada *Uma visão idealizada da mulher no poema “A Noiva”, de Jonas da Silva* percebemos que o *eu poético* faz várias imposições a sua futura esposa, restringindo assim a sua autonomia: não ir à picnics ou festas, não ver mais o bonde, decorar os seus sonetos, ser bondade e embalar sua filha.

A moça que desejasse se casar com ele deveria estar disposta a aceitar essas condições e, automaticamente, viver reservada a uma sorte medíocre, pois quem ditaria as ordens era ele, o esposo. A idealização do *eu poético* em se casar com uma mulher bela, frágil e submissa, era reforçada pela igreja católica, que considerava como obrigação da mulher casada, a obediência, a afetividade e a prontidão. De acordo com Campos (2005), a visão da igreja na imprensa e na voz popular, era recorrente, a mulher deveria ser o “esteio da família”. Esse clichê custou muito caro à mulher que por séculos teve que viver uma vida debaixo dos preceitos da igreja e do marido, “Pura, casta, reprimida, desprovida de vaidade e proibida aos lazeres profanos” (CAMPOS, 2005, p. 133).

No poema “A Noiva”, percebemos que o poeta se utiliza de elementos que representam a transformação social e a modernização no transporte público de Manaus, como o *picnic*, *a festa* e o *bonde*, para lembrar sua futura esposa que ela não tinha liberdade de frequentar alguns lugares. No entanto, “A vida social se expandia com o apogeu da borracha e isso influía sobre os costumes e as mulheres vão ganhando novos espaços” (CAMPOS, 2005, p.154). As discussões sobre a questão da liberdade da mulher, debatida no começo do século XX, contribuiu para algumas mudanças sociais, como a concessão a mulher na construção da sua própria vida.

Portanto, sob a luz da teoria do gênero, diante desta temática: Uma visão idealizada da mulher no poema “A Noiva”, de Jonas da Silva, concluímos que a mulher atual não se encaixa dentro dos parâmetros que o poeta simbolista idealizou para si.

### **Referências**

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: a experiência vivida*. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

COSTA, Heloísa Lara Campos da. *As mulheres e o poder na Amazônia*/Heloísa Lara Campos da Costa. – Manaus: EDUA, 2005.

MENDONÇA, Roberto. Blog do Coronel Roberto. *Catando Letras e Escrevendo Histórias*.

Disponível em: <<http://catadordepapeis.blogspot.com/2012/05/o-poeta-jonas-da-silva-1880-1947.html>> Acesso em: 20 ago 2019

MIRANDA, Antonio. *Poesias dos Brasis*. Disponível em:

<[http://www.antonio Miranda.com.br/poesia\\_brasis/amazonas/jonas\\_da\\_silva.html](http://www.antonio Miranda.com.br/poesia_brasis/amazonas/jonas_da_silva.html)> Acesso em: 11 ago 2019.

## I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

PEDROSA SANTOS, T. DE LIMA; RAMOS, T. R. VOULEZ VOUS UN CAFÉ: CULTURA E CONSUMO NA MANAUS DO SÉCULO XIX-XX. *Revista Arqueologia Pública*, v. 12, n. 2, p. 51-70, 27 dez. 2018.

Disponível em:  
<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/view/8652468>> Acesso em: 20 set 2019.

SILVA, Francisco Gomes da. *Poetas piauienses no Amazonas*. Disponível em: <<http://www.franciscogomesdasilva.com.br/poetas-piauienses-no-amazonas>> Acesso em: 14 ago 2019.

SILVA, Jonas da. *Czardas*/ Jonas da Silva; organização Tenório Telles e estudo crítico por Antônio Paulo Graça 2ª Ed. rev. – Manaus: Editora Valer, 1998.

SIMÕES, Junior, Álvaro Santos. *Estudos de literatura e imprensa*/ Álvaro Santos Simões Junior. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2014. Recurso digital. pdf